

# Comida e transgressão em *Por que sou gorda, mamãe?*, de Cíntia Moscovich

Débora Menezes da Silva Motta

UFMG, Mestranda

**RESUMO:** Esta comunicação tem como objetivo básico refletir sobre a representação de comida e da transgressão na relação mãe e filha no romance *Por que sou gorda, mamãe?* de Cíntia Moscovich. No romance publicado em 2006, uma personagem escritora engorda 22 quilos e afirma não perceber como isso aconteceu. Na tentativa de emagrecer, vai buscar no seu passado, por intermédio de um resgate da memória, uma explicação para sua transformação física. O romance apresenta a narrativa da protagonista dirigindo à mãe confidências e acusações. Acreditando que seu ganho de peso possa estar relacionado às suas vivências, o discurso da narradora é permeado por uma intrincada tarefa: percorrer as dolorosas relações com seus familiares. Fazendo uma interseção com a obra de Franz Kafka e tendo como referência a obra de Sigmund Freud, particularmente *Além do princípio do prazer*, que apresenta os conceitos de pulsão de vida e de morte, esta análise busca investigar a complexa e delicada relação entre o discurso dos filhos e a literatura.

**Palavras-chaves:** Comida; Transgressão; Literatura.

**ABSTRACT:** This communication aims to reflect on the basic food and representation of transgression in the mother-daughter relationship in the novel *Por que sou gorda, mamãe?* By Cíntia Moscovich. In the novel, published in 2006, a character writer fattening 22 kilos and claims not to understand how that happened. In an attempt to lose weight, get in your past, through a recovery of memory, an explanation for his physical transformation. The novel presents the story of the protagonist driving mom confidences and accusations. Believing that your weight gain can be related to their experiences, the speech of the narrator is permeated by an intricate task: go through the painful relationships with their families. Doing a intersect with the work of Franz Kafka and with reference to the work of Sigmund Freud, which presents the concepts of life and

death drive, this analysis seeks to investigate the complex and delicate relationship between the discourse of children and the literature.

**Keywords:** Food; Transgression; Literature.

Este é o começo doloroso e persistente da nova etapa de minha vida. [...] trato de purificar a memória em invenção. Mas só depois daquele ponto final. Porque meu ofício é exclusivamente escrever – o que significa erro em cima de erro –, há um livro a ser escrito. Usar-me como matéria de ficção: aí está a única forma de saber o que foi, porque preciso saber o que foi para o novo começo

Cíntia Moscovich

Querido Pai, você me perguntou recentemente por que eu afirmo ter medo de você. Como de costume, não soube responder, em parte justamente por causa do medo que tenho de você, em parte porque na motivação desse medo intervêm tantos pormenores, que mal poderia reuni-los numa fala. E se aqui tento responder por escrito, será sem dúvida de um modo muito incompleto, porque, também ao escrever, o medo e suas consequências me inibem diante de você e porque a magnitude do assunto ultrapassa de longe minha memória e meu entendimento.

Franz Kafka

No romance *Por que sou gorda, mamãe?*, publicado em 2006, por Cíntia Moscovich, uma personagem escritora engorda 22 quilos e afirma não perceber como isso aconteceu. Na tentativa de emagrecer, vai buscar no seu passado, por intermédio de um resgate da memória, uma explicação para sua transformação física. O romance apresenta a narrativa da protagonista dirigindo à mãe confidências e acusações. Acreditando

que seu ganho de peso possa estar relacionado às suas vivências, o discurso da narradora é permeado por uma intrincada tarefa: percorrer as dolorosas relações com seus familiares.

Franz Kafka, escritor tcheco de origem judaica, escreveu *Carta ao pai*, em 1919. A carta, que nunca foi entregue ao genitor, revela, a influência deste na produção literária do filho. “Meus escritos tratavam de você, neles eu expunha as queixas que não podia fazer no seu peito.” (KAFKA, 1997, p. 25). Essa narrativa, entre a autobiografia e a ficção, teria, segundo vários críticos, a finalidade de realizar um acerto de contas da relação conflituosa do filho com um pai autoritário e despótico.

Cíntia Moscovich, que tem se destacado na ficção brasileira contemporânea, também de origem judaica, tem, na evocação das memórias familiares, um elemento literário importante na sua produção. O enlaçamento das tradições culturais que ora dialogam ora conflitam, no romance, expõe, como em Kafka, uma ferida aberta entre as gerações. Em ambos os textos, os filhos tentam, de uma ou outra maneira, acertar contas, mas, no discurso, aparar arestas significa, sobretudo, abrir fendas que revelam muito mais dos queixosos do que dos supostos pais, acusados de toda sorte de maldades e erros. O romance *Por que sou gorda, mamãe?* Parece, assim, possuir alguma semelhança ou aproximação à *Carta ao pai*, de Kafka, já desde o título ao criar uma filha, a narradora, que endereça um texto à mãe, um diálogo intertextual se estabelece.

Enquanto a narrativa de Kafka é carregada de conflitos familiares, de ressentimentos e de tristeza, a ficção de Moscovich, embora trate igualmente de relações familiares, propõe reviravoltas diante de uma temática densa e complexa. Essa forma de contornar as memórias traumáticas da infância, em que a mãe é, antes de tudo, a inimiga, passa-se a uma tentativa de explorar, com humor, o que pode haver de trágico na história. Dessa maneira, de alguma forma, Moscovich aponta para o caráter de ficção tanto do discurso da personagem, no enunciado, quanto da estratégia de construção do texto, na enunciação.

No romance, Moscovich adota uma estratégia narrativa que se assemelha a um discurso confessional, abrindo possibilidade da protagonista desvelar/velar seus sentimentos principalmente na relação conflituosa com sua mãe. É para a sua mãe judia, que ela direciona seus questionamentos, suas confidências, suas acusações e sua tentativa de acerto de contas, apesar de suas angústias e amarguras.

Ora, a cultura judaica apresenta a mãe judia como a superprotetora, que traduz seu afeto e sua proteção por meio do alimento, ainda carregando a memória da ameaça da fome e da doença a que, em vários momentos da história, o povo judeu foi submetido. Para Moacyr Scliar, a mãe judia mais típica do folclore judaico é a norte-americana. Transplantada da Europa, ela teve, na América, suas energias multiplicadas tornando-se a “superalimentadora” e a “superprotetora”. Do anedotário, ela migra para a literatura, como em *O complexo de Portnoy*, de Philip Roth, ou como nas histórias de Dan Greenburg e Sam Levenson (SCLIAR; FINZI; TOKER, 1991, p. 113).

*As histórias de fome passadas através das gerações, da evocação das memórias dos imigrantes judeus, circulam entre o lugar do sagrado e o do excesso. Essa transição é problemática para a narradora, pois desde a infância ela aprende a importância do comer bem ao mesmo tempo em que a comida é sempre oferecida como sinal de afeto. A narração é elaborada, assim, a partir de uma dificuldade de se viver com esse legado, tendo um corpo gordo (que é visto como monstruoso) e ao mesmo tempo suportar, metaforicamente, um peso extra, da tradição e das memórias de infância.*

Em certo momento, no romance, a narradora chega em casa e presencia uma discussão acalorada entre sua mãe e a avó. Perplexa com a intensidade das acusações da mãe dirigidas à progenitora, a personagem tenta intervir, compadecida pela avó que é bombardeada pela fúria da mãe. Até que diante da perplexidade da cena, as duas, avó e neta, começam a rir e decidem se fartar com bastante açúcar. O açúcar, assim, é visto como um subterfúgio que, além deixá-las fortes e felizes, também substituirá, pelo menos imaginariamente, o afeto.



Para a psicanálise, as dificuldades com a alimentação podem estar enraizadas em manifestações inconscientes que Donald Winnicott chamou de “agonias impensáveis”, ou seja, “um medo primitivo de morrer de fome”.

Para Dirce de Sá Freire,

O passado colonial brasileiro revela uma “história de gente gorda”, em que gordura era sinônimo de formosura, tornando-se a base de sustentação para que a barriga do burguês viesse a significar status e prosperidade. Na medida em que a ingesta gordurosa vai “acumulando” adeptos, constata-se uma mudança gradativa do lugar social ocupado pelos gordos. A obesidade perde seu prestígio, inquestionável no passado. Houve um tempo em que era bom ser gordo, por mais distante que possa parecer aos sujeitos que vivem no século XXI. E foi em meio aos inúmeros excessos que marcam o crepúsculo do século XX e o alvorecer do XXI que nossa sociedade se viu na iminência de ressignificar seus conceitos de beleza e estética (FREIRE, 2014).

No romance, um ditado judaico, preenche a cena: “Avós e netos se dão bem porque têm um inimigo em comum.” (MOSCOVICH, 2006, p. 99). A narrativa é permeada por outros ditados que, segundo a narradora, são “a máxima de nossa gente, são páginas de sarcasmo escritas com a pena da lucidez. Nosso humor torto, que mais morde que assopra” (MOSCOVICH, 2006, p. 56). O humor judaico, na Bíblia, no Talmude e na ficção, possui, para Scliar, um sentido pedagógico, por vezes, sarcástico. A concisão do dito judaico não esconde, no entanto, a multiplicação dos vários significados ali intrincados. O choque de gerações, por exemplo, apontando para a conexão entre avós e netos revela muito do que se vai delineando na narrativa.

Na tira a seguir, esse mesmo “espírito”, presente no romance de Moscovich pode ser aferido:

Como se pode observar, não sem um sorriso, o cômico está no exagero da mãe em ameaçar se matar para que o filho coma, “inclusive os legumes”. A chantagem materna é paradigmática. Em *Contos de Nova York*, lançado em 1998, Woody Allen dirige “Édipo arrasado” (Oedipus Wrecks). Na história, Sheldon Mills (Allen) é um advogado que não consegue se libertar da mãe dominadora. Na tela, todas as angústias do filho são intensificadas com o desejo (realizado) do personagem de que a mãe desapareça deixando de envergonhá-lo. Após um breve período de euforia, no entanto, a mãe ressurgue imensa, como uma gigante, a falar na janela do protagonista, constrangendo-o ainda mais (ALLEN; COPPOLA; SCORSESE, 1989).

Em um processo de auto-expição (de culpas e medos), a narradora do romance de Moscovich, em um monólogo quase infinito, como em um processo de autoanálise, direciona a mãe questionamentos existenciais e cobranças. É por intermédio de sua memória, pouco confiável, na evocação de lembranças ou passagens fragmentadas que a narradora expõe seus sentimentos, os excessos, as faltas e a culpa de ser vítima e de culpar a mãe por seus excessos. As cobranças da mãe, que aparecem no discurso da filha, por não mostrar-se à altura idealizações dela, a falta, por não sentir-se nutrida afetivamente e a culpa intrínseca a todos esses sujeitos revelam as intrincadas relações dos personagens, mas, sobretudo, a falha constitutiva do sujeito que narra, o que pode ser visto, ainda na descrição que ela faz de si mesma. O seu corpo, construído a partir de uma autoimagem depreciativa, irrompe no seu discurso, que é também um corpo e um discurso agigantado, tornado monstro.

Para Luiz Nazario, em *Da natureza dos monstros*, o corpo fisicamente alterado, manifesta-se de inúmeras formas. Certas sociedades, para o escritor, dedicaram-se à fabricação de “monstros”. Assim, ele cita as mulheres-girafa de Mianmá, com seus pescoços esticados desde os cinco anos por pesados acessórios, até atingir 25 cm, contendo cerca de dez anéis de nove quilos. Caso retirassem as argolas douradas, o pescoço dessa mulher se dobraria e as sufocaria mortalmente, castigo destinado às adúlteras. Outro exemplo é o de uma antiga tradição chinesa, em que os pés das mulheres considerados mais bonitos quanto menores. Por isso, algumas os mantinham enfaixados até serem atrofiados, a ponto de elas não conseguirem andar (NAZARIO, 1998, p. 46-47). Seria, o corpo judaico da personagem de Moscovich, a imagem monstruosa de uma mulher superalimentada?

Embora possua um caráter sagrado, a comida e as refeições, podem, na ficção migrar de um ritual importante na tradição judaica, para um que torne o corpo grotesco e nesse exagero, a narrativa aponta até mesmo para uma transgressão, uma violação, um descumprimento da lei.

Outro interessante texto de Kafka que está em franco diálogo com o romance de Moscovich é o conto *Um artista da fome* (1984). Nessa narrativa, o artista, que vive do jejum como expressão de sua arte, após um longo período sem alimentar-se e de um desinteresse por parte do público, sucumbe à morte.

Enquanto em Moscovich o leitor se depara com o excesso de comida e a falta de afeto, em Kafka, a falta reina absoluta. Preenchendo

todos os espaços da carência, a narradora, pela voz, acaba por driblar a morte. No entanto, ambos os conceitos parecem dar sentido à existência dos narradores que são marcados excesso ou pela falta, de comida ou de voz, ou por ambos, simultaneamente.

Maria José de Queiroz em *A literatura e o gozo impuro da comida* faz referência à Gargântua e Pantagruel criados por Rabelais (2003), cuja obra também é permeada pelo excesso, pela extravagância, onde se desperdiçar qualquer comida seria inimaginável e recusar alguma iguaria uma transgressão. Para importante ponto de análise nesse trabalho, Queiroz afirma que, “lugar privilegiado do encontro do desejo e do prazer, a comida é mais do que alimento: é linguagem, é também metáfora do saber” (QUEIROZ, 1994, p. 20) em que “a língua que sabe é a língua que saboreia, que degusta”. Desse modo, a relação da narradora com a comida e seus desdobramentos no seu corpo gordo tem mais a nos dizer.

Os conceitos de psicanálise, concebidos por Sigmund Freud, também judeu, foram importantes para a construção de um entendimento sobre o psiquismo humano. Para Freud, a mãe na psicanálise é a responsável por introduzir a dimensão de amor e desejo naquele ser que, entregue à sua própria sorte, iria rapidamente cumprir seu destino que seria morrer. O que significa dizer que sem o outro não vivemos, que sem o outro é impossível qualquer movimento instaurador de vida.

O que o Freud chama de pulsão de vida seria representado pelas ligações amorosas que estabelecemos com o mundo, com as outras pessoas e com nós mesmos, enquanto a pulsão de morte seria manifestada pela agressividade que poderá estar voltada para si mesmo e para o outro.

Embora pareçam concepções opostas, a pulsão de vida e a pulsão de morte estão conectadas, fundidas e onde há pulsão de vida, encontramos, também, a pulsão de morte. A conexão só seria acabada com a morte física do sujeito.

Em *Por que sou gorda, mamãe?* o leitor pode perceber a dinâmica dessas pulsões. Ora trazendo a narradora para uma tentativa de sobrevivência à sua própria existência, ora manifesta na angústia e na culpa direcionada ao próprio corpo através do excesso do comer.

É por intermédio do retorno às suas memórias que a narradora busca respostas sobre o significado do excesso no seu corpo. Seja ressignificando o ato de comer ou compreendendo a necessidade de dar outro sentido para suas memórias e remorsos, suas raivas e rancores. Se



a busca pela comida significa um retorno a sua infância feliz, a busca por um acerto de contas com mãe, representa dar outro sentido para livrar-se do peso que carrega, seja no corpo, na alma e na memória.

## Referências

ALLEN, Woody; COPPOLA Francis Ford; SCORSESE, Martin *Contos de Nova York*. EUA, 1989.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer [1920]. In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas*, ESB. v. VIII. Trad. Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREIRE, Dirce de Sá. Com açúcar, sem afeto. Disponível em: <<http://historiahoje.com/com-acucar-sem-afeto/>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: \_\_\_\_\_. *Obras psicológicas completas*, ESB. v. XIV. Trad. Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

KAFKA, Franz. *Carta ao pai*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KAFKA, Franz. *Um artista da fome*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MOSCOVICH, Cíntia. *Por que sou gorda, mamãe?* Rio de Janeiro: Record, 2006.

NAZARIO, Luiz. *Da natureza dos monstros*. Belo Horizonte: Arte & Ciência. 1998.

QUEIROZ, Maria José de. *A literatura e o gozo impuro da comida*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.

RABELAIS, François. *Gargântua e Pantagruel*. Trad. David Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.

SCLIAR, Moacyr; FINZI, Patricia; TOKER, Eliahu (Org.). *Do éden ao divã: humor judaico*. São Paulo: Shalom, 1991.

